



III bienal do sertão

de artes visuais

EXPOSIÇÃO COLETIVA



O Centro Cultural Câmara dos Deputados
apresenta a exposição coletiva



III bienal
do sertão
de artes visuais

CARLOS MEDINA
CELISE DALLA COSTA
CLAUDIA TAVARES
ÉLCIO MIAZAKI
FELIPE BITTENCOURT
GABRIEL BICHO
ISABELLA SANTOS SILVA
JEAN ARAÚJO
JULIANA PESSOA
LORENA DA SILVA DANTAS
LUANNA JIMENES
MONIQUE BRANDÃO
NATALIA COEHL
ROMÁRIO BATISTA
SILVANA MENDES
THALES LUZ

Centro Cultural

Secretaria de
Comunicação Social





BIENAL DO SERTÃO DE ARTES VISUAIS

Criada em 2012, a *Bienal do Sertão de Artes Visuais* tornou-se um espaço de reflexão e entusiasmo pela valorização desse espaço geográfico tão proeminente e forte de solo brasileiro e que andava carente de tal afirmação como valor cultural e avantajadas possibilidades artísticas.

Como uma instituição sem fins lucrativos, que tem como meta a participação unânime de artistas de todas as localidades e nações e da população em geral (produtores, público leigo, interessados, estudantes, estudiosos, etc.), na interação das obras com a monitoria e nas rodas de conversas com os artistas, sua missão é desenvolver projetos culturais e educacionais na área de artes visuais, adotando as melhores práticas de gestão e favorecendo o diálogo entre as propostas artísticas contemporâneas e a comunidade, com o acesso à cultura e à arte a milhares de pessoas, de forma gratuita e interdisciplinar.

Tem como ênfase as ações educativas e os seguintes princípios norteadores:

- Foco na contribuição social, buscando reais benefícios para os seus públicos, parceiros e apoiadores;
- Contínua aproximação com a criação artística contemporânea e seu discurso crítico;
- Transparência na gestão e em todas as suas ações;
- Prioridade de investimento em educação e consolidação da Bienal como referencial para o campo da arte, da cultura e pesquisa nessas áreas.

O comissariado da Bienal atua de forma voluntária e colaborativa, com a inserção de apoiadores e artistas vinculados e com a responsabilidade de reposicionar noções de curiosidade, criatividade e invenção.

Com repercussão positiva na mídia e públicos em geral e na ênfase da formação de novas possibilidades para o campo das artes visuais é que a Bienal traz para Brasília sua mostra itinerante com parte de algumas obras presentes da sua III edição.

Denilson Conceição Santana
Organizador geral da mostra

HORIZONTES, ARQUITETURAS e
SUAS REDES NEURAIAS

Na atual pesquisa, pintura, esculturas e instalações são desenvolvidas a fim de comporem reflexões sobre ambientes e espaços imaginários em que a matemática e a racionalização são imperativas.

Lugares onde ideias, decisões e sentimentos muitas vezes se misturam a ambientes organizados e metrificados no intuito de perpetuar uma calma e silenciosa relação. Espaços esses que não seguem necessariamente a lógica visual ou espacial à qual estamos intimamente acostumados, mas que tentam remeter o espectador a uma sinergia orgânica e permanente. Coleções de momentos, paralisados na forma de pinturas e colagens, também são desenvolvidas em torno dessa pesquisa.

Números, símbolos, marcações, rotas, retas, controles, trajetos... são elementos frequentemente adicionados às peças a fim de propiciar tais discussões.

Tais representações buscam colocar o espectador em um plano de interpretação subjetiva e dúbia daquilo que inicialmente contemplamos e reconhecemos.

O artista produz representações imaginárias de paisagens e ambientes, considerando a matemática e a ordenação como procedimentos de criação.

As ambiguidades entre a lógica e a experimentação são questionamentos constantes em seus projetos, que consistem em pinturas, instalações e esculturas.



Wall #005
Série Diamond Walls
Acrílico e caneta sobre tela
24 x 18 cm
2016



Wall #003
Série Diamond Walls
Acrílico e caneta sobre tela
70 x 50 cm
2016



Wall #008
Série Diamond Walls
Acrílico e caneta sobre tela
40 x 30 cm
2016



Wall #002
Série Diamond Walls
Acrílico e caneta sobre tela
20 x 20 cm
2016



Wall #006
Série Diamond Walls
Acrílico e caneta sobre tela
20 x 20 cm
2016

Quando conheci o tema da *Bienal do Sertão*, logo me remeteu à literatura de cordel com suas maravilhosas obras em xilogravuras. Então pensei: "Que tal seria aquarelas apresentadas como as poesias de cordel?"

A fauna do sertão é pulsante em riqueza. Assim decido pintá-la!

Pinto aqueles que na sua exuberante beleza provocam o imaginário popular, com sua literatura, mitos e músicas: a arara-maracanã, arara-verde que encanta e atrai a cobiça do contrabando e está sendo reintroduzida no sertão da Bahia desde 2016; a acauã em seu canto que para alguns prenuncia a morte de um conhecido e para o baião de Gonzaga chama a seca do sertão; o triste e gentil jegue, vedete no cordel, que depois de muito trabalhar, muito carregar, ajudando a construir o Nordeste, foi abandonado pelas rodovias e descampados; a sua majestade urubu-rei, robusto e colorido animal que no sol a pino se banqueteia sobre a carniça deixada no rastro da indústria da seca.

1. *Gralha Cancã*
Série *Aquarelas de cordel*
Aquarela sobre papel
42 x 30 cm
2017

2. *Cabra*
Série *Aquarelas de cordel*
Aquarela sobre papel
42 x 30 cm
2017

3. *Coruja Sindara*
Série *Aquarelas de cordel*
Aquarela sobre papel
42 x 30 cm
2017

4. *Asa branca*
Série *Aquarelas de cordel*
Aquarela sobre papel
42 x 30 cm
2017

5. *Carcará: pega, mata e come*
Série *Aquarelas de cordel*
Aquarela sobre papel
42 x 30 cm
2017

6. *Boi*
Série *Aquarelas de cordel*
Aquarela sobre papel
42 x 30 cm
2017

7. *Suçarana*
Série *Aquarelas de cordel*
Aquarela sobre papel
42 x 30 cm
2017



1



2



3



4



5



6



7

CLAUDIA TAVARES

O projeto *Um Jardim em Floresta* conta uma história que tenta aproximar duas localidades.

Trata da questão do excesso e da falta de água, através de uma ação que começa no Rio de Janeiro, e se completa na localidade de Floresta, sertão de Pernambuco, região atingida por severas e longas secas. Lá não chove há três anos.

A ação se baseia em retirar o excesso de umidade do meu ateliê no Rio, por meio de desumidificadores, acumular essa água em garrafas de vidro e levá-la ao sertão para regar um jardim que seria construído lá.

Por dois anos engarrafei essa água, pensando na seca que impede a proliferação do verde e da vida em Floresta.

Em janeiro de 2016 fui do Rio a Floresta, levando comigo cerca de 180 garrafas de água. Durante cinco dias viajei por cidades/lugarejos vizinhos buscando mudas de planta. Consegui seis caixas de mudas para o plantio.

As mudas foram dadas de presente por pessoas que cultivam jardins.

Voltando a Floresta, construí um jardim, reguei com a água transportada.

Choveu. Fotografei e filmei o processo.



Um Jardim em Floresta
Vídeo | 13'00" | 2016

LUANNA JIMENES

A performance *Permanência Para o Encarnado* é resultado da investigação (teórica e prática) acerca da complexa questão das identidades do brasileiro, seguindo o mito de origem do Brasil a partir do histórico e impactante encontro entre o indígena e o português no século XVI. A referência mais marcante neste percurso é o pensamento de Roberto Gambini (*Brasil outros 500: uma conversa sobre a alma brasileira* e *O Espelho Índio - os jesuítas e a destruição da alma indígena*). A pesquisa ganhou desdobramentos em 2013 no ateliê de criação no Centro em Movimento – estrutura transdisciplinar de investigação artística nos estudos do corpo e do movimento – em Lisboa, Portugal, onde durante sete meses teve orientação de Sofia Neuparth. Em 2014, o projeto foi contemplado pelo programa de residência em artes performativas da Associação Atalaia de Ourique, Portugal.

O tema tão complexo, que permite abordagens diferentes e múltiplas, nessa criação em dança se dá pela perspectiva do encontro, como os que se deram na travessia da artista em Portugal. E, no encontro dos passantes com a figura instaurada: "O que é isto?", "É uma pessoa?", provavelmente perguntas feitas em relação aos indígenas.

Esse trabalho é um incentivo para refletir sobre o Brasil, acrescentando aos conhecidos dados históricos do descobrimento outras camadas de entendimento. A dança que sustenta a duração é a expansão da respiração com dimensões e tempos orgânicos, sendo, portanto, um expandir e recolher até limites extremos, alternando uma figura grande a outra pequena próxima ao chão. As pausas no percurso permitem ao corpo múltiplas leituras em relação à paisagem ou à arquitetura. O figurino de tecido preto encorpado e com algum brilho confunde o corpo com um objeto.



Permanência para o encarnado
Vídeo performance | 21'00" | 2017

Indumentária, criada pelo próprio artista, em que são utilizadas gavinhas de maracujazeiros. Essas estruturas, encontradas em determinadas espécies vegetais, são um meio à procura de apoio, evidenciando a insustentabilidade do caule por si só. Vale salientar que a cultura escolhida é originária de países tropicais, incluindo o Brasil, lembrando a característica de território colonizado e como esse fator parece intrínseco às associações que um pé de maracujá pode gerar (com o exotismo, por exemplo). Nessa série, foi trabalhada também a dualidade que significam as vestes. Sentir-se protegido ou proteger estruturas tão frágeis. Afinal, quando nos vestimos, o corpo também pode ser entendido como um meio de sustentação dessas peças. Com algumas frentes de trabalho, existe a possibilidade de o projeto ser considerado uma *botanicamorfização*, ou correlações com discussões que culminem nas diferenças entre simbiose e parasitismo, além do paralelo entre as formas de vidas vegetal e humana. Fatores de fascínio, estranhamento e repulsa têm sido determinantes nas formas de representação, e o projeto permite a observação a um ser humano que não consegue esconder suas fragilidades. Antes do ensaio fotográfico, também realizado pelo artista, foram feitas simulações por meio de desenhos para direcionar o ensaio.

Algumas observações:

- 1) A veste destinada ao tronco apresenta as gavinhas alinhadas à coluna vertebral. A fixação é concluída pelas cintas costuradas e posicionadas de forma a remeter a camisas de força, que impossibilitam liberdade na movimentação;
- 2) A espécie da saia possui, paradoxalmente, como referência, o tradicional *hakamá* (usado por guerreiros japoneses), em que as pregas possuem significados como características de civilidade, humanidade e dignidade. As aberturas laterais revelam as gavinhas localizadas à altura dos quadris.



Sem título (série *Passiflora s.*)
Fotografia em papel sobre ps | 73 x 56,5 cm | 2017

Sem título (série *Passiflora s.*)
Fotografia em papel sobre ps | 73 x 56,5 cm | 2017

Sem título (série *Passiflora s.*)
Fotografia em papel sobre ps | 27,5 x 33 cm | 2017

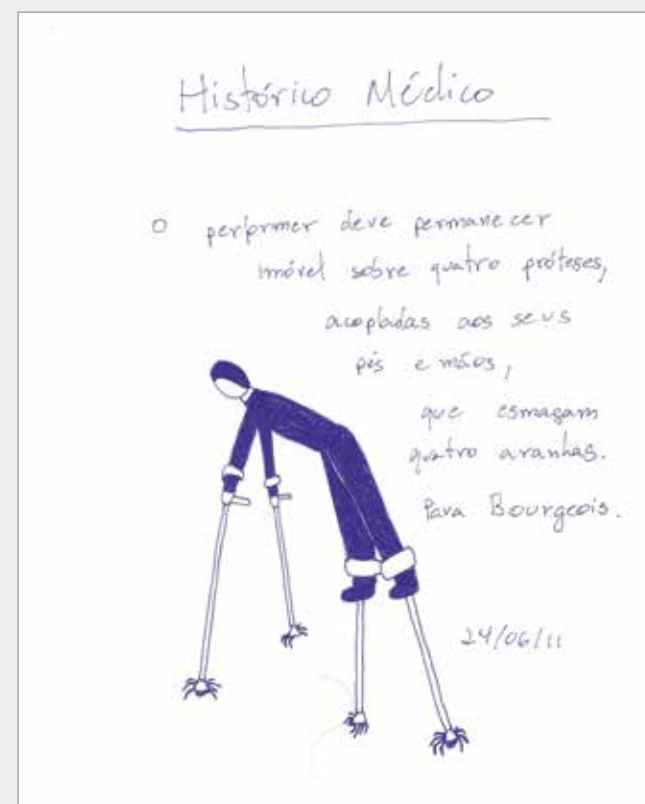
Mora e trabalha em São Paulo, SP, utilizando a performance e o desenho como bases de pesquisa e desenvolvimento de seus trabalhos.

Bacharel em Artes Visuais.

Este trabalho consiste em 365 desenhos, feitos um por dia durante um ano, que tratam de ideias para possíveis performances.

Nenhuma das performances foi, de fato, realizada. Assim, o ato de desenhar diariamente foi a performance em si.

Como os desenhos tinham a regra de serem executados diariamente, naturalmente acabaram sendo um refletor do estado emocional do artista. Alguns são muito tristes, outros agressivos, bobos, divertidos, suicidas, etc. Portanto, o trabalho serve, também, como uma cartilha sensível de um ano de existência.



GABRIEL BICHO

Chão é marca, cangaço, as cores, o céu, tios poetas, ser de tu, sofrer, com rachaduras viu-se um pé batido, vem chuva ouro, lavessa terra, dignifica o povo que clama, fiéis, anéis, de pés, e o mugunzá do dia borbulha no fogo, enche barriga de menino valente, na visita um café, essa fé hoje é, vida, das marias, e quantas marias se fez, se faz, nordeste, ajuntamento de amor, sonhos e poesia, autenticada, paz.



Ser teu, seu tão (políptico)
Fotografia com palavras vivo
14 x 21 cm | 2016



ISABELA SANTOS SILVA

Coroa é um trabalho que trata da história e do tempo. Através da imagem, representa a majestosidade da velhice e sua delicadeza.

O trabalho parte da comparação da velhice com galhos secos, que mesmo tão frágeis, ainda representam muita vida. Ao transformar os galhos em adornos da realeza, a fragilidade é ressignificada, mostrando sua força e riqueza.

A senhora fotografada é Dejanira. Nascida e criada no sertão da Bahia, viveu parte de sua vida submissa ao marido, até que um dia tomou coragem e fugiu daquela vida cruel, levando consigo os oito filhos, reconstruindo então o próprio reino. Nascida em São Paulo, Isabelle Santos é graduanda em Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais na Unicamp. Trabalhou como tutora de deficientes visuais numa escola de rede privada em São Paulo e desde então tem interesse na arte e educação inclusivas. Nos últimos anos deu algumas oficinas de artes para crianças e tem se dedicado a estudos sobre arte e educação. Dedicou sua produção artística a diferentes linguagens, como desenho, gravura, escultura e fotografia, entre outras.



Coroa
Instalação (coroa e bastão de galhos e fotografia digital emoldurada) | Dimensões variáveis | 2016

THALES LUZ

Descampado é um trabalho que se dá a partir de imersões em regiões semi-áridas do interior do Piauí como parte do processo da pesquisa Ossuário. Vivenciar esses descampados em um trabalho de coletar ossos e carcaças de animais provoca uma série de questionamentos acerca de ideias que envolvem a ancestralidade no que diz respeito à materialidade dos corpos que existem compostos e decompostos no espaço como marcas que o inscrevem e o constituem. De maneira recíproca, penso, a partir desse trabalho, na materialidade dos espaços como agentes que inscrevem, constituem e desconstituem os corpos que nesses espaços existem.

Trata-se de um movimento de sensorialidade compartilhada. A relação sensorial provocada por essa experiência tem como proposta tensionar a ideia de sensorialidade não apenas fechada no corpo como uma capacidade interna, mas também como algo autônomo a ele, na superfície das coisas, que podem permear o corpo como uma experiência perceptiva. Sensorialidades interiores e exteriores passam uma para outra, emergindo assim um corpo como encruzilhada. É na maleabilidade desse corpo que emerge como cruzamento dos acontecimentos que o inscreve, que percebo ser possível se tratar da ancestralidade como um movimento que se dá no corpo.



Descampado
Fotografia | 30 x 40 cm | 2017

A representação dos orixás do candomblé acompanhou a arte do século XX e já se atualiza nos primeiros decênios do século XXI. Jean Araújo observa signos e insígnias que distinguem os deuses afro-brasileiros, começando por Exú, a quem sempre precisamos antecipar os pedidos de licença e proteção. Nesta série atual, o artista escolhe um primeiro foco da ampla cosmogonia, a representação das Iyabás (deusas femininas). Com isso, Jean se interessa em oferecer ao negro a face gloriosa e, conseqüentemente, espiritual. Para tanto, parte de fotografias apropriadas ou produzidas pelo próprio artista. Os corpos, então, ganham trejeitos, afetações, gestos que remetem a passagens e características míticas. As deusas performatizam mães ancestrais, mulheres sedutoras e enérgicas, lendas aquáticas. A água talvez seja o elemento mais recorrente das Iyabás. A pesquisa de Jean Araújo sobre os orixás é ampliada por pinturas que trazem as folhas sagradas destinadas aos encantamentos de cada um dos sete deuses da exposição. Para além da representação dos corpos negros, vemos, então, plantas comuns, que se espalham por muros, jardins e florestas, mas que guardam segredos em nomes que potencializam ações, como abrir caminhos, vencer demandas e que convivem com a realidade brasileira nas mãos de mateiros indígenas e baba lossains africanos. Nesta passagem mítica, uma Iyabá se protagoniza por ter difundido o segredo das folhas (ewé), antes guardado nas cabaças de Ossain. Oyá, deusa dos ventos e das tempestades, conseguiu espalhar as folhas

com o vento e cada deus coletou aquela que, depois, se tornaria sua folha característica. Porém, ainda assim, Ossain se manteve regente de todas, fato que nos obriga a lançar moedas e pedir licença ao adentrarmos em qualquer mata. Nas pinturas de Jean Araújo, vemos, com isso, o surgimento de uma pesquisa que se singulariza na construção de personagens, mas que se irmana na manutenção de invocações ancestrais.

Marcelo Campos



Série Traços que o tempo não pode apagar
Carvão sobre tecido de algodão | 76 x 46 cm | 2017



Deus, mesmo, se vier, que venha armado.

João Guimarães Rosa

Os desenhos desta exposição pertencem a uma série de trabalhos baseados em um vasto acervo de fotografias, que retratam dois episódios de nossa história nacional (ou com eles se relacionam) – as sagas do arraial de Belo Monte (Guerra de Canudos) e do grupo do cangaceiro Virgulino Ferreira, o Lampião. Homens e mulheres que se aventuraram a dizer não à opressão e sacudiram as sandálias à porta da civilização, indo em busca de uma existência autônoma e digna, livre das opressões do Estado, do clero e dos coronéis¹. Porém, apesar da sua importância e grandeza, permanecem, de um modo geral, como notas de rodapé da historiografia oficial; sendo vistos muito mais como índices de nosso atraso e subdesenvolvimento, motivo de deboche ou vergonha. Uma gente rústica, atrasada, defasada, tão digna de destruição em massa²: fezes do ócio e da miséria³.

Dadas as limitações de nossa memória e a cegueira em relação a nossa história, estes trabalhos pretendem oferecer uma pausa no turbilhão de nossa época, para uma prosa, nonada, sobre um grande sertão onde viveram gerações e gerações de cangaceiros, rudes beatos e profetas, assassinados durante anos e anos. Desse modo, o propósito desta série de trabalhos é iluminar algumas das rotas do nosso passado recente. Afinal, tudo aqui é passado – justamente por isso não cessa de tecer o presente, pois: tudo o que já foi é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo.



Sem título
Carvão e grafite sobre papel
200 x 120 cm
2017

1 Cf. Machado de Assis. Em: *Jornal Gazeta de Notícias*, 22 de julho de 1894.

2 Frase extraída do documentário de Rosenberg Cariry, *O caldeirão da Santa Cruz do deserto*.

3 Frase extraída do discurso de Ruy Barbosa. Em: Walnice Nogueira Galvão. *No calor da hora*.



Sem título
Carvão e grafite sobre papel
118 x 120 cm
2017



Sem título
Carvão e grafite sobre papel
160 x 120 cm
2017

Sem título
Carvão e grafite sobre papel
200 x 120 cm
2017

LORENA DA SILVA DANTAS

Lorena da Silva Dantas, ou somente da Silva como assina suas obras, é artista visual pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Membro do coletivo Remanescentes Gráficos e do grupo OLapSo (Orquestra de Laptops SONatório). A decisão de seguir rumo artístico veio da necessidade interna de conciliar e singularizar dimensões pessoais, profissionais e transcendentais, através do ofício de despertar e imprimir o subjetivo no concreto. Sua assinatura com o sobrenome mais comum no Brasil reflete o processo dialógico da construção de sua arte, fortemente enraizada numa poética sutil de expressão da subjetividade em meio ao coletivo, refletindo em suas produções aspectos da natureza e cultura vivas em intenso diálogo com o corpo. Para além do aparente paradoxo entre pessoa e povo, a arte passa então a ser o veículo de um reconhecimento anímico profundo que toca o espiritual e desvela o detalhe. Os trajetos luminosos gravados nas imagens revelam a visão do céu no coração da Bahia, na Chapada Diamantina. Sob um mesmo firmamento, eis a infinitude das estrelas e o movimento constante da vida: essência efêmera de tudo o que vive, pulsa e sente.

Linhas diamantinas
Fotografia digital impressa sobre papel fotográfico
72 x 105 cm | 2016



Políptico Pataxi-Cactaceae.
Cabeça de Freira, Mandacaru, Palma e Monstro
Xilogravuras | 35 x 25 cm | 2017

As duas pinturas apresentadas fazem parte de uma série de autorretratos em que minha cabeça é representada fundida ao corpo de algumas aves, numa ação antrotopozoomórfica. A minha cabeça, parte racional, representa a consciência humana, já que a minha vontade não é extinguir essa consciência. A ideia é que o homem absorva as características do animal, que vive de forma natural e livre, matando apenas para sua sobrevivência, e sentimentos ruins como vaidade, inveja ou raiva não devem aparecer e causar problemas nesta nova situação que crio ao fundir dois corpos diferentes.

Na série, elejo um deslocamento, percebo os animais como capacitados, donos de potências que me interessam, e o ser humano tomando seu lugar. A intenção é fazer o humano se inspirar nos animais, em seu jeito de viver a vida. Apesar de muitas vezes o termo "animal" ser usado como ofensa ao homem, qualidade do homem estúpido, aquele que é próprio ou referente ao irracional, uso o termo animal com o intuito de exaltá-lo. Os animais não visam um conhecimento para o futuro, mas vivem a realidade do momento, e se expressam de uma maneira natural para a vida. Minha proposta é que o homem se conecte com o animalesco e permita-se viver numa relação mais próxima com a natureza.

Meu trabalho não pretende ser uma solução para os problemas humanos, mas uma invenção de mundo que sugere novas formas de olhá-lo e de vivenciá-lo. É uma espécie de convite para a possibilidade de sermos animais, e que assim novas

possibilidades possam ser imaginadas. O intento dos meus autorretratos é provocar um olhar sensível, ampliar a percepção de territórios, despertar para a sutileza do imaginar, ampliar a percepção do animalesco através da observação das aves, seus territórios, fábulas e lendas a elas ligados, incluindo características físicas que revelam habilidades, dificuldades e curiosidades em sua performance. É se compor com seu ambiente e suas relações internas.



Série Devir-ave
Tinta para tecido, giz pastel e lápis de cor sobre papel
58 x 38 cm | 2017



Descartar é uma ação em que se destina para algum lugar algo que não tem mais utilidade. Utilidade é qualidade de um bem ou serviço que o torna apropriado para satisfazer os desejos dos agentes econômicos. Lixo é aquilo que se joga fora por não ter mais utilidade ou por ser velho (*Dicionário da Língua Portuguesa – Editora Porto*). Pensando nos significados de descartar, utilidade e lixo, questionei a minha real utilidade como mulher, nordestina, artista e não apropriada aos agentes econômicos.

A identificação com o lixo foi inevitável, e por isso resolvi me descartar para tentar entender qual a sensação física de não servir mais para a sociedade.

Literalmente me coloquei dentro de um saco de lixo preto, deixando apenas a minha cabeça para fora, e me posicionei próxima a outros sacos de lixo amontoados na rua, à espera de que alguém se relacionasse comigo. E desse encontro, perguntava se poderia me levar para outro lugar, explicando que o lixo só conseguiria se movimentar a partir do outro.

Corpo em experiência conversando com o espaço público é relativamente a síntese do trabalho que venho desenvolvendo ao longo desses anos. Diante de uma intensa pesquisa em dança e teatro físico, me veio a necessidade de pôr meu corpo para vivenciar ações e imagens, pensando em questionar temas delicados através da relação física com o espaço público. Outro elemento que julgo importante é a oposição que se dá a partir da materialização de uma imagem “incomum” em um espaço público. A palavra incomum vem entre aspas para informar que as imagens são, para mim, formas de pôr meu lado interno para dialogar

com a sociedade, ao exprimir imagetivamente a impressão que tenho dela. Interesse-me em por meu corpo em situações desagradáveis, acredito que assim consigo chegar a uma comunicação inconsciente, trazendo emoções variadas para quem é pego de surpresa na rua, causando desconexão dos padrões imagéticos. O intuito de desestabilizar e transformar a paisagem mental dos transeuntes, nem que seja por alguns segundos. Acredito que as reflexões geradas neste encontro serão levadas pelo caminho.



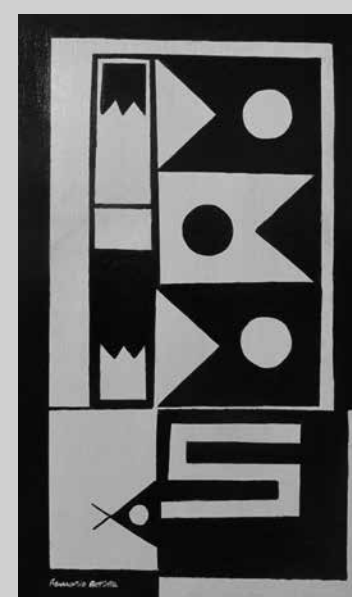
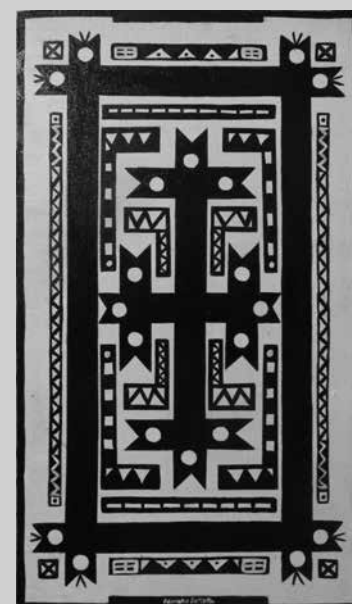
Descarto-me em Coro
Vídeo | 3'03" | 2017



ROMÁRIO BATISTA

Inspirado pelas histórias infantis sobre o folclore brasileiro contadas por seu avô, o artista plástico e autodidata Romário Batista criou o projeto *Seres Imaginários*, que surge com a proposta de retratar seres lendários e fictícios da crença e da tradição popular. Os tons preto e branco foram usados para criar um contraste e melhor trabalhar o conceito do cultural com o psicológico. O preto se sobressaiu de forma a representar o medo e a curiosidade que esses seres fictícios representam na infância. Assim, o público poderá fazer uma reflexão dos estudos do artista sobre a referência da cor negra nos mitos e nos fatos. *Seres Imaginários*, além da proposta de retratar esse universo, também busca contribuir para uma conscientização social, uma vez que toda a mostra é realizada com materiais reaproveitados, recolhidos nas enchentes da Grande Vitória, possibilitando assim um reaproveitamento de objetos até então ignorados, sem qualquer outra utilidade depois de terem sido jogados fora. Nasceu em Itamaraju, BA, em 1975. Artista autodidata, pintor, desenhista e escultor. Ao longo de sua carreira artística teve diversas influências que contribuíram na sua formação. A primeira delas foi a sua avó Hermilina, uma católica assídua e devotada, que inspirou seus primeiros desenhos religiosos, a partir dos seus sete anos de idade. Em meados de 2001, já com crescentes elogios aos seus trabalhos, Romário Batista conheceu o artista e coordenador social Braz José numa associação de artistas locais (Assai), que ficou bastante impressionado pelo estilo expressionista ingênuo e popular do artista.

Juntos, eles começaram a fazer exposições em feiras e em espaços públicos. Passa a ter contato com diversos artistas da capital, e sua arte torna-se bastante diversificada e mais contemporânea ao utilizar diversos materiais, entre eles objetos descartáveis que são úteis na formação dos seus trabalhos.



Seres Imaginários
Tinta sintética sobre chapatex | 100 x 40 cm | 2017

SILVANA MENDES

Tem como proposta inicial (na forma de lambe) demonstrar a inquietude com o isolamento e sacralização de bustos (estes, presentes no Museu Histórico e Artístico do Maranhão). Desconstrói e questiona a forma solidificada deles no meio urbano e museológico, a solidão dos mesmos no meio em que são inseridos. Usa como suporte o lambe nesse deslocamento dos bustos pela cidade, levando-os a passear pelos espaços. Nessa intencional provocação de levar esses elementos tão precisamente protegidos presentes no museu para a rua, dá-lhes essa sensação de vulnerabilidade e efemeridade

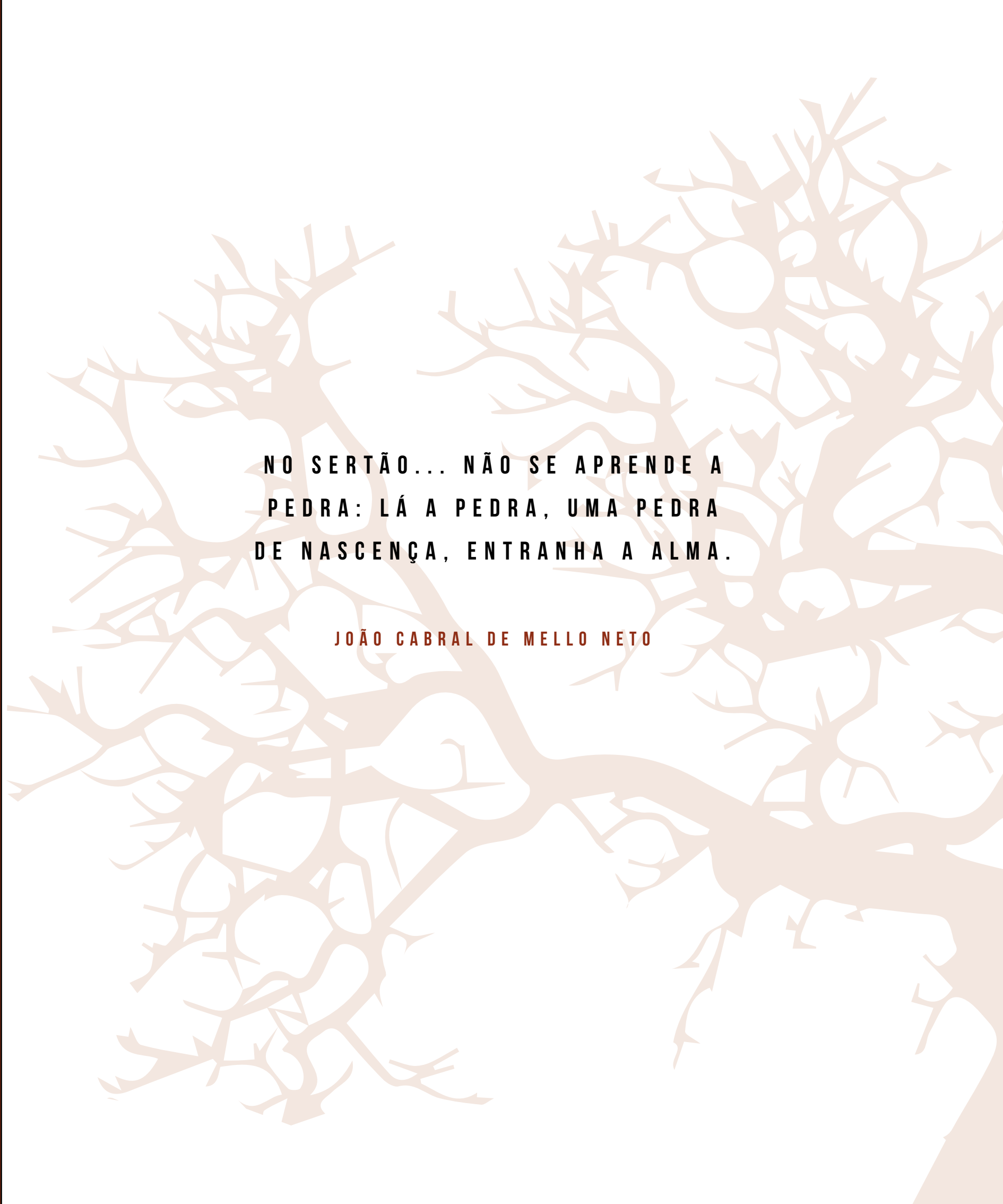
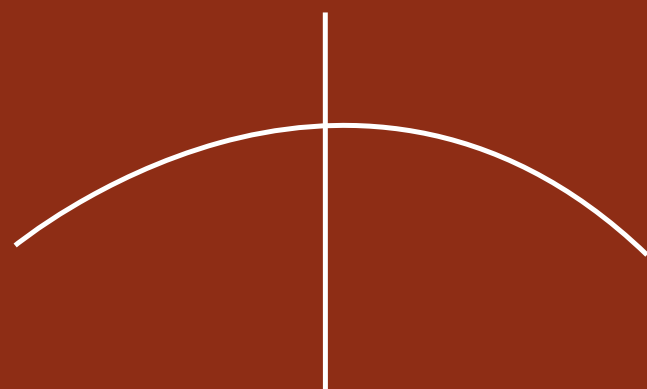
que o lambe traz com toda sua potência e fragilidade. A obra é posta para questionar do que se tratam essas representações humanas na dessacralização desses personagens, fazendo outras leituras e desenvolvendo a sensibilidade do olhar para os elementos visuais que eles representam.

Solidão dos Bustos
Impressão p/b em papel | 6 de 60 x 40 cm | 2017





CARLOS MEDINA
CELISE DALLA COSTA
CLAUDIA TAVARES
ÉLCIO MIAZAKI
FELIPE BITTENCOURT
GABRIEL BICHO
ISABELLA SANTOS SILVA
JEAN ARAÚJO
JULIANA PESSOA
LORENA DA SILVA DANTAS
LUANNA JIMENES
MONIQUE BRANDÃO
NATALIA COEHL
ROMÁRIO BATISTA
SILVANA MENDES
THALES LUZ



**NO SERTÃO... NÃO SE APRENDE A
PEDRA: LÁ A PEDRA, UMA PEDRA
DE NASCENÇA, ENTRANHA A ALMA.**

JOÃO CABRAL DE MELLO NETO



III bienal
do sertão
de artes visuais

VISITAÇÃO DE 6 DE JUNHO A 11 DE JULHO DE 2018, SEGUNDA A SEXTA, DAS 9H ÀS 17H

GALERIA DE ARTE DO 10º ANDAR | ANEXO IV | CÂMARA DOS DEPUTADOS

Câmara dos Deputados | Mesa Diretora da Câmara dos Deputados PRESIDENTE Rodrigo Maia (DEM/RJ) | 1º VICE-PRESIDENTE Fábio Ramalho (MDB/MG) | 2º VICE-PRESIDENTE André Fufuca (PP/MA) | 1º SECRETÁRIO Giacobbo (PR/PR) | 2º SECRETÁRIA Mariana Carvalho (PSDB/RO) | 3º SECRETÁRIO JHC (PSB/AL) | 4º SECRETÁRIO Rômulo Gouveia (PSD/PB) | SUPLENTE Dagoberto Nogueira (PDT/MS), César Halum (PRB/TO), Pedro Uczai (PT/SC), Carlos Manato (SD/ES) | PROCURADOR PARLAMENTAR Hildo Rocha (MDB/MA) | CORREGEDOR PARLAMENTAR Evandro Gussi (PV/SP) | DIRETOR-GERAL Lucio Henrique Xavier Lopes SECRETÁRIO-GERAL DA MESA Wagner Soares Padilha

COORDENAÇÃO DO PROJETO Secretaria de Comunicação Social, Centro Cultural Câmara dos Deputados | SECRETÁRIO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL Márcio Marinho (PRB/BA) | DIRETOR EXECUTIVO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL David Miranda | DIRETORA DO CENTRO CULTURAL Isabel Flecha de Lima | NÚCLEO DE HISTÓRIA, ARTE E CULTURA COORDENAÇÃO Clarissa de Castro | CURADORIA Denilson Santana | PRODUÇÃO Fabíola Ferigato | REVISÃO E DIVULGAÇÃO Maria Amélia Elói MONTAGEM E MANUTENÇÃO DA EXPOSIÇÃO André Ventorim, Edson Caetano, Paulo Titula, Wendel Fontenele | PROJETO GRÁFICO Fernando Horta | NÚCLEO DE MUSEU COORDENAÇÃO Marcelo Sá de Sousa | MUSEÓLOGA Luciana Scanapieco CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO Serviço de Preservação - COBEC/CEDI | MATERIAL GRÁFICO Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA

Contato do Curador

Denilson Santana: (75) 98349 4582

bienaldosertao@hotmail.com

<http://bienaldosertao.wixsite.com/bienaldosertao> | <https://bienaldosertao.blogspot.com.br/>

Informações: 0800 619 619 – cultural@camara.leg.br

Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados
Anexo 1 – Sala 1601 – CEP 70160-900 – Brasília/DF

<http://www.camara.leg.br/centrocultural>

Brasília, junho de 2018.



SELECIONADO POR
EDITAL CÂMARA
Centro Cultural Câmara dos Deputados



Centro Cultural

Secretaria de
Comunicação Social

